



Diminuindo distâncias e realizando sonhos: o uso da tecnologia na formação de ACS e ACE em locais de difícil acesso

Saionara Araujo Wagner, FAVET/UFRGS - Brasil

saionara.wagner@ufrgs.br, <https://orcid.org/0000-0001-9862-9357>

Daniela Riva Knauth, FAMED/UFRGS - Brasil

danielaknauth@ufrgs.com, <https://orcid.org/0000-0002-8641-0240>

Fabiana Schneider Pires – ODO/ UFRGS – Brasil

fabianaspres@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0001-6545->

Leandro Raizer, FACED/UFRGS - Brasil

leandroraiser@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0002-0406-7670>

Luciana Barcellos Teixeira – ENFE/UFRGS - Brasil

lucianabteixeira@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0003-1654-3723>

Roselane Zordan Costella, FACED/UFRGS - Brasil

professoracostella@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0002-1297-1352>

Resumo. Este artigo tem como objetivo refletir sobre a formação de cursos técnicos de ACS e ACE, do Programa Saúde com Agente, em lugares de difícil acesso, utilizando-se de recursos tecnológicos. Trata-se de um relato de experiência acerca das atividades da preceptoria para estudantes em localidades muito distantes, que não receberam a preceptoria tradicional desenhada para o programa. As atividades foram realizadas por meio de metodologias ativas, com o uso de dispositivos tecnológicos em ambientes virtuais de aprendizagem, que oportunizaram reflexões sobre conceitos e socialização de experiências de diferentes realidades dos estudantes, a partir de atividades realizadas no cotidiano dos territórios. Como resultado apresenta-se a estrutura da experiência e a análise da realidade espacial dos participantes do curso.

Palavras-chave: metodologias ativas; tecnologia educacional; ambientes virtuais de aprendizagem; preceptoria.

Reducing distances and making dreams come true: the use of technology in training ACS and ACE in difficult-to-access places

Abstract This paper aims to contemplate the formation of technical courses for Community Health Workers and Endemic Disease Control Agent, within the Saúde com Agente Program, in hard-to-reach areas, employing technological resources. The experience encompasses the scope of preceptorship formation across different regions of the country, utilizing active methodologies with the use of technological devices in virtual learning environments, facilitating reflections on concepts and the sharing of experiences from various student realities, stemming from everyday activities within the territory. Consequently, the article presents the structure of the experience and an analysis of the spatial reality of course participants.

Keywords: active methodologies; educational technology; virtual learning environments; preceptorship



1.Introdução

Projetar espacialmente o Brasil representa veicular sentidos por lugares de diversidades, fragilidades e encantamentos. Estamos falando de um país que simboliza a pluralidade de espaços e que compõe um mosaico de muitos lugares que se completam e se imbricam, ao mesmo tempo que se isolam e se estranham. Lugares estes compostos por tessituras naturais que sombreiam o mapa; cidades verticalizadas impressionantes que habitam nossos sítios urbanos; vazios demográficos; águas em abundância e secas que castigam; periferias penalizadas por parte da sociedade; comunidades indígenas, quilombolas, de pescadores, entre tantas outras.

Neste conjunto de diversidade circulam pessoas que carregam características de seus lugares, muitas com dificuldades de comunicação, de acesso à saúde e de condições necessárias para a sobrevivência, pelos mais diversos motivos, dentre os quais podemos citar a violência, o isolamento, o difícil acesso, as questões socioambientais, e as questões políticas. As informações de saúde e o conhecimento sistematizado demoram a chegar ou, por muitas vezes, não chegam.

Diante de realidades tão distintas, o Programa Saúde com Agente (BRASIL, 2020), desenvolvido pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), promovido pelo Ministério da Saúde (MS) e pelo Conselho Nacional de Secretarias Municipais de Saúde (CONASEMS), proporcionou a formação em nível técnico de Agentes Comunitários de Saúde (ACS) e Agentes de Combate às Endemias (ACE) por todo o território brasileiro, através de uma grande iniciativa de formação bastante abrangente, abordando os problemas locais de saúde (OPAS, 2018). O curso foi desenvolvido para estes trabalhadores do SUS, com disciplinas teóricas e teórico-práticas, constituindo assim um modelo híbrido de atividades. As atividades teóricas foram acompanhadas por tutores e supervisores em uma plataforma educacional - Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA CONASEMS) e as atividades práticas foram realizadas de forma presencial nos locais de trabalho dos estudantes, acompanhadas por preceptores, em consonância com a Política Nacional de Educação Permanente em Saúde (BRASIL, 2004; 2009) Esta formação ímpar no país teve que, literalmente, vencer distância e estar presente em todos os municípios com estudantes matriculados contemplando a grande diversidade dos lugares, chegando pelas águas, pelas florestas, pela caatinga, pelas estradas pavimentadas ou não e pelas comunidades de grandes e pequenas cidades para formar esses estudantes.

Contudo, ao final do período letivo regular dos cursos, a Universidade deparou-se com alguns estudantes que, pelas adversidades dos lugares, ainda não haviam realizado as atividades e avaliações do componente prático de algumas disciplinas, pois não houve preceptores locais (vinculados às unidades de saúde ou selecionados por edital público) para auxiliar e acompanhar essas atividades. Para garantir que as atividades de todas as disciplinas fossem realizadas e que todos os estudantes tivessem a possibilidade de conclusão dos cursos, a equipe responsável pela coordenação da preceptoria junto à UFRGS desenvolveu mecanismos e metodologias para apoiar e supervisionar as atividades práticas destes estudantes. Este artigo tem como objetivo apresentar a proposta de formação envolvendo metodologias ativas com o uso de tecnologias e espaços online, como estratégias para garantir o acesso aos conteúdos e ao sonho de ser técnico em Agentes de Saúde, àqueles que não conseguiram concluir o curso no tempo regular de formação.



2.As aprendizagens com a preceptoria

A proposta de apoio e supervisão das atividades práticas dos cursos técnicos só foi possível a partir da experiência e das aprendizagens geradas pela formação presencial realizada pela equipe da preceptoria em alguns municípios do país. Estas formações foram realizadas, de forma intensiva, em alguns municípios que tinham dez ou mais estudantes sem preceptor, ainda no período regular dos cursos. A necessidade de garantir a realização de todas as atividades práticas previstas em um período de no máximo cinco dias, exigiu a sistematização dos conhecimentos necessários, bem como o desenvolvimento de estratégias que possibilitaram a convergência de diferentes habilidades a serem trabalhadas. Desta forma, a partir da experiência de formação presencial, a equipe da preceptoria adaptou as aprendizagens construídas nas diferentes realidades locais de forma a viabilizar o apoio e supervisão das atividades práticas à distância. O momento que antecede a formação online, gerou subsídios para a experiência desta ação.

No acompanhamento acadêmico dos cursos, mediante plataforma desenvolvida e customizada pela universidade para evitar evasão e atingir os melhores indicadores de formação e diplomação, havia o registro de 1.809 estudantes regularmente matriculados, distribuídos em 238 municípios, que não tinham concluído as disciplinas com componente prático, por não ter realizado atividades que necessitam do acompanhamento e avaliação de preceptor. Os motivos eram de diferentes origens: falta de preceptores ou preceptores com inscrições não homologadas no município; contratos de preceptores suspensos durante o período; transferência do preceptor de município ou do serviço de saúde; desistência do preceptor; ou ainda quando os estudante tiveram afastamentos por licenças (saúde, maternidade, entre outras).

A partir desse cenário, a coordenação da preceptoria desenvolveu uma nova modalidade de formação denominada “Preceptoria Regional”. O desenho desta etapa contava com um novo preceptor selecionado por edital, que poderia residir no município ou em município distante até 80 km de onde havia estudante com pendências de atividades práticas. Foi uma ação que se desenvolveu ao longo de aproximadamente três meses.

Mesmo com todo esse esforço, ainda restaram 64 estudantes em 25 municípios, que não tiveram preceptor no tempo regular e nem na preceptoria regional, então o que fazer? Como ofertar as atividades práticas e avaliativas com qualidade para essas pessoas?

A resposta exigiu responsabilidade e inovação pedagógica. A coordenação de preceptoria estruturou e implementou, para os municípios que tinham mais de dez estudantes, com disciplinas pendentes, uma estratégia que contou com a capacitação de uma equipe de professores (da área da saúde) e uma técnica de nível superior (enfermeira) da UFRGS. Estes profissionais se deslocaram até estes lugares para realizar uma formação intensiva, utilizando-se dos turnos da manhã e da tarde, durante uma semana. Nesta formação foram realizadas as atividades faltantes de acordo com a necessidade de cada estudante, de forma a oportunizar a formação desses pequenos grupos. Os formadores viajaram em duplas para potencializar as ações. Os municípios que participaram dessa etapa foram, Rio Brando-RR, Santo Antônio do Itambé-MG,



Conceição do Macabú-RJ, Porto Lucena-RS, Porto Xavier-RS, Jacarezinho-PR e Figueirópolis-TO. Cabe ressaltar que os professores e a servidora técnica, utilizaram o período de recesso acadêmico para colocar em campo essa formação.

Contudo, ainda restaram 33 estudantes, distribuídos em dezesseis municípios, que não haviam realizado as atividades práticas previstas nos cursos. Diferentes dos outros municípios, estes, em especial, contavam com um número baixo de estudantes, por vezes um único estudante. Questões logísticas e de custos operacionais impossibilitaram que as viagens e o modelo implementado em outros municípios fosse viável neste momento e para estes casos. Estes estudantes não conseguiram dar continuidade ao sonho do diploma em Técnico em Agentes de Saúde, pois os lugares onde moram são de difícil acesso, com poucos profissionais disponíveis a realizar o trabalho de preceptoria. Mesmo a UFRGS tendo oferecido a oportunidade da preceptoria regional, não houve preceptor inscrito e/ou aprovado para exercer o trabalho em lugares tão distantes.

Dessa riqueza de experiência, e com o compromisso e responsabilidade de sempre garantir o acesso às disciplinas e atividades dos cursos técnicos, a equipe iniciou um novo desenho para a preceptoria. A metodologia utilizada, a partir das Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC), visou alcançar esses longínquos municípios, e com muita responsabilidade, garantir a qualidade do processo de formação desses estudantes.

Para essa formação, os 33 estudantes foram divididos em três turmas, cada turma sob a responsabilidade de um professor da UFRGS que foi capacitado para a formação anterior *in loco*. Foi organizada uma sala de aula na plataforma Moodle, que é um dos Ambientes Virtuais de Aprendizagem da UFRGS. As aulas foram organizadas em formato síncrono e assíncrono, sendo dois encontros síncronos por semana ao longo de cinco semanas e três momentos assíncronos durante a semana também por cinco semanas, totalizando 100 horas de formação.

3. Os lugares que territorializam nossos estudantes

No campo da saúde, o termo território está bastante imbricado com o conceito de territorialidade, relacionado a um espaço de atuação dos profissionais de saúde, delimitado por relações de poder (GONDIM; MONKEN, 2009). Neste artigo, destacamos que os estudantes do curso possuem seus espaços territoriais de atuação (GONDIM; MONKEN, 2009; MONKEN; BARCELLOS, 2007), mas quando utilizamos o termo território, estamos reportando às dificuldades logísticas que estão especialmente relacionadas com as questões espaciais para a realização dos cursos aqui descritos.

A preceptoria oferecida aos estudantes de forma online teve dois grandes desafios para a equipe formadora: chegar até os estudantes, ouvindo-os e compreendendo suas descrições espaciais e territoriais; e desafiá-los a chegar até nós, compondo o vivido nas aprendizagens dos objetos do conhecimento do curso.

A preceptoria remota contemplou 16 municípios, pertencentes a 11 estados brasileiros. Dentre estes, alguns litorâneos, outros interioranos e ainda outros fronteiriços. Territórios ribeirinhos ou em áreas afastadas de rios, todos contendo estudantes que precisavam trocar experiências pelo meio virtual, graças ao amparo tecnológico, e levar para seus lugares a experiência das aprendizagens (Mapa 01).



Mapa 01 - Municípios incluídos na preceptoria remota do Programa Saúde com Agente



A composição da espacialidade do Brasil em redes territoriais distintas representa uma das maiores do mundo. Em vários lugares do nosso país parece que temos a impressão que ali, naquele lugar, é o fim de tudo e, na verdade, é o início de outros horizontes. A compreensão simbólica das vivências das pessoas em seus territórios nos leva a imaginar como se configuram os cotidianos, que cheiros e sensações sentem, que privilégios ou mazelas passam. Haesbaert (2021), em suas análises sobre o território, nos faz refletir sobre a relação das pessoas com seus espaços, suas reações impostas pelo meio em que vive, bem como o simbolismo construído a partir destas relações. A delimitação simbólica do território extrapola relações de poder concretamente definidas. Dessa forma, priorizamos a ideia de que o território, neste caso, não representa somente um pano de fundo com limites impostos pelo aval político, o que sublinhamos é que o território, para essa análise, representa um conjunto de vidas que se entrelaçam com os espaços de vivências e produzem suas cartografias relacionais com os objetos e ações presentes.

Nossos estudantes, ao explorar seus territórios, por meio de suas narrativas, enchem nossos olhos de detalhes que nos transferem a seus lugares, suas vivências. Ao falar das famílias, das pessoas, dos problemas e alegrias parecem que estão em lugares de fácil acesso, de chegada e saída rápida e fluida. Ao olharmos estes lugares em mapas, percebemos que as distâncias das cidades com outras cidades, a precariedade dos meios de transporte e a ausência de ferramentas urbanas simples, são latentes. Mas, seus sonhos pelo diploma não podem ser abortados pelo fato de estarem em lugares tão distantes. No primeiro contato com estes estudantes em que informamos que teriam a possibilidade de concluir o curso, foi unânime a palavra sonho, sonhavam ao se referir ao diploma, em ser técnico, com valorização profissional, orgulho em ser o primeiro da família com estudos, entre outros tantos sonhos.



Diante de nossas telas de computadores, para a realização da formação da preceptoria online, se definiam vários contornos territorializados: perto ou longe da água, dentro ou fora de comunidades, em cima ou embaixo de escarpas sombrias. Haesbaert (2002, p. 121), nos contempla com a evidência a diversidade do território: “Como no mundo contemporâneo vive-se concomitantemente uma multiplicidade de escalas, numa simultaneidade atroz de eventos, vivenciam-se também, ao mesmo tempo, múltiplos territórios”. Trabalhamos, neste sentido, a relação território e lugar como fruto da realidade, das vivências e dos eventos presentes no cotidiano.

Conforme Massey (2008, p. 118), “vivemos, dizem alguns, em uma era espacial. Há uma imaginação da globalização que a retrata como um mundo totalmente integrado. De um mundo estruturado e já ocupado pela história, caímos em uma horizontalidade sem profundidade de conexões imediatas. um mundo, diz-se, que é puramente espacial”.

O imaginário de um mundo globalizado plano e reducionista não oportuniza o entendimento da origem dos nossos estudantes. Massey (2008), discute em sua obra a infinidade de lugares, com relações próprias e reflete instabilidades locais, que não permitem uma análise pouco profunda das diversidades. Para que possamos compreender esta formação, junto aos estudantes, que se utilizaram da tecnologia para realizar sonhos, precisamos, ancorados no autor, ir além da horizontalidade e pensar na diversidade.

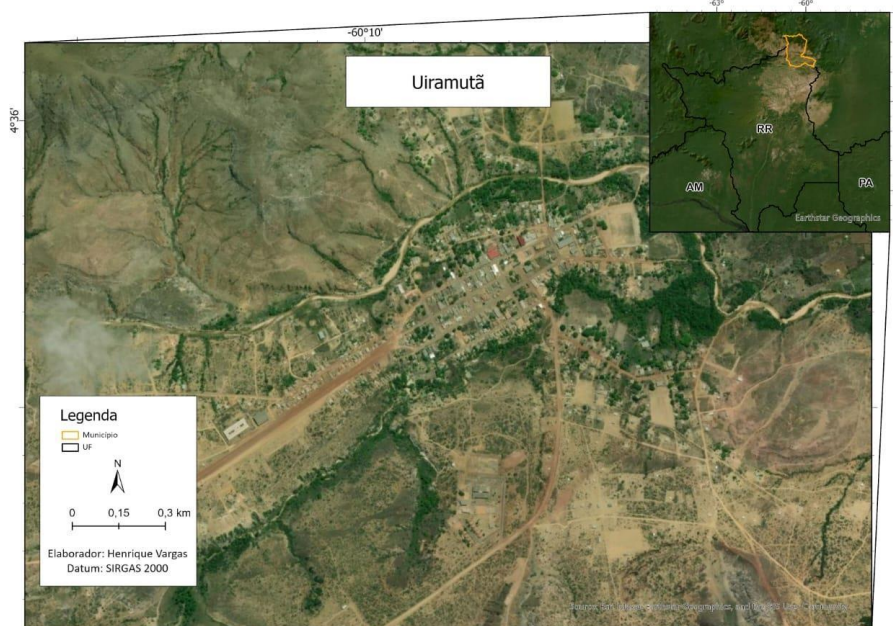
A fim de evidenciar a complexidade dos desafios enfrentados na realização da preceptoria à distância em contextos tão diversos, trazemos o exemplo de dois municípios: Uiramutã (AC), município mais setentrional do Brasil e São Paulo de Olivença, localizado no interior do estado do Amazonas. Estes dois casos demonstram a diversidade dos nossos estudantes que fizeram a formação, utilizando-se da tecnologia, com aulas tanto teóricas quanto práticas online.

Uiramutã (Mapa 2), cujo nome significa “local de espera de aves”, conforme o censo de 2022 é um município com muitos jovens, sendo a cidade mais indígena do Brasil. Localiza-se a mais de 300 km da capital Boa Vista. O acesso é difícil, com parte de rodovias sem pavimentação, tendo como tempo de viagem até a capital, mais de 5 horas. Único município do estado que faz fronteira com dois países, Venezuela e Guiana.

Neste município temos 4 estudantes, sendo que um deles vale destaque sobre a insistência em concluir o curso. Relatava ele que o seu maior sonho era formar-se. Este estudante transbordava vontades e deixava transparecer uma angústia enorme pela frustração de até então não conseguir concluir os estudos.



Mapa 2 - Localização geográfica do município de Uiramutã, Acre, Brasil.



O município de São Paulo de Olivença (Mapa 3), nas margens do Alto Solimões, distante 1312 Km de Manaus, tem como principal meio de transporte viável o fluvial. A viagem dura, aproximadamente, dois dias. O nome do município é uma homenagem à cidade de Olivença, em Portugal.

Este município tem 2 estudantes que aguardavam com muita ansiedade a conclusão do curso. Um lugar de difícil acesso, no interior do estado mais florestal do país. A formação online foi a única alternativa para diplomar estes alunos.

Mapa 3 - Localização geográfica do município de São Paulo de Olivença, Amazonas, Brasil.



Trouxemos para esta reflexão dois municípios dos 16 que nos propusemos a atuar, para demonstrar a diversidade e, ao mesmo tempo, a nossa vontade em não deixar ninguém para trás. Esses municípios dialogam com o que trazemos sobre V. 22 N° 2, setembro, 2024 _____ RENOTE
DOI:



território. Tanto às margens do Rio Solimões, como à beira de inúmeras comunidades indígenas, conseguimos ancorar as trocas entre territórios/vivências e aprendizagens/trocas. Nestes municípios nossos conteúdos foram atualizados e territorializados, mesmo que à distância.

4.O uso das tecnologias de informação e comunicação para se chegar nos lugares distantes e diversos

A formação online foi organizada levando em consideração dois pressupostos: o encontro dos estudantes com os professores e atividades de dispersão, ambos ancorados nas metodologias ativas. Conforme o Caderno do Preceptor (2022, p.51), no que se refere ao trabalho dos preceptores, junto aos estudantes, conota-se que: “Ao utilizarem metodologias ativas de ensino, demonstram que buscam valorizar o vínculo entre o(a) preceptor(a) e o ACE e ACS, fazendo com que ambos participem do processo de ensino-aprendizagem.” Neste sentido, a formação busca valorizar a experiência dos estudantes, a troca de conhecimentos entre ACS e ACE e o protagonismo dos mesmos nos processos reflexivos de aprendizagem.

Nesta formação online, os estudantes participam de encontros síncronos, duas vezes na semana, durante cinco semanas. Estes encontros oportunizaram a construção de um arcabouço teórico, utilizando-se de metodologias ativas, em que são estudados conceitos e conteúdos que envolvem as diferentes disciplinas e a reflexão sobre as atividades de dispersão. Essas atividades foram previamente organizadas e devem ser registradas com fotografias, filmagens ou produções de relatórios e são discutidas e socializadas com todo o grupo de estudantes. O conjunto dos encontros síncronos contemplam duas horas cada encontro, totalizando 4 horas semanais e 20 horas totais de formação.

As atividades práticas são realizadas no território no qual os estudantes desenvolvem suas atividades enquanto ACS ou ACE e estão enriquecidas pela diversidade de realidades que são delineadas em cada ação junto às comunidades e aos pares, companheiros de trabalho. Após a orientação prévia, que ocorreu nos encontros síncronos, mediados pela plataforma Moodle/UFRGS, foram realizadas as atividades práticas previstas, como visitas domiciliares, análises do ambiente e a aplicabilidade dos conceitos trabalhados em aula.

O que provoca encantamento é justamente a forma como o mesmo conceito pode ser aplicado em realidades diversas, oportunizando uma atualização de conteúdos pelas aprendizagens ativas. O encontro das realidades são momentos marcantes das aulas. Assim, discute-se a teoria, enxerga-se esta teoria na prática e se territorializam ações, para, posteriormente, trocar essas experiências em conjunto com os colegas, em encontros síncronos. As atividades práticas somam 16 horas na semana, totalizando, em cinco semanas, 80 horas. O conjunto da formação totaliza 100 horas de trabalho.

É importante ressaltar que o grande esforço da preceptoria realizada por meio das TIC foi o de contextualização dos conhecimentos e atividades. Buscou-se nas especificidades dos territórios, dos costumes, modos de vida e tradições de cada um dos municípios e comunidades, trazidos pelos estudantes nos encontros síncronos com os professores e colegas, a particularização destes conteúdos. Conforme Martins, Ribeiro (2018), o engajamento do estudante é extremamente importante para o êxito da formação, portanto, as atividades de interação entre os colegas, a discussão com os



professores e aplicação concreta de tarefas usando os diferentes contextos do cotidiano dos estudantes, produzem efeitos positivos e por isso devem ser levado em consideração.

Segundo Martins e Almeida (2020), os métodos formativos online, ou em rede, numa perspectiva dialógica, interativa, socializadora e tendo como ponto de partida a prática do estudante, produz um aprendizado significativo diferentemente do ensino EaD tradicional. A formação aqui refletida ancorou-se de forma significativa na escuta dos estudantes e na construção do conhecimento coletivo que somente foi possível pelo amparo tecnológico das aulas síncronas e do acompanhamento das atividades de dispersão.

Para isso, nessa etapa de formação, foi pensando no ambiente virtual de aprendizagem, na aglutinação do material didático, na ambiência formativa e na seleção dos professores formadores, a fim de ter as ferramentas digitais como tecnologias importantes de inclusão social para se chegar a lugares tão distantes e diversos; mas é também com afetividade, colaboração, co autoria, avaliação adequada e mediação docente que o processo de formação aconteceu.

Na plataforma virtual de aprendizagem estão disponibilizados os materiais didáticos e as atividades organizadas por semana, bem como as salas de webconferências e o fórum tira dúvidas. O número pequeno de estudantes por professor (em média 11), tem uma intencionalidade pedagógica, devido à complexidade do processo de formação online, para esse perfil de estudantes. Além da plataforma educacional, foram utilizadas outras formas de contato e interação como os recursos Whatsapp® e GoogleMeet® para reuniões prévias de alinhamento.

Para essa formação, foram pensados processos pedagógicos interativos, tanto entre professores e estudantes, quanto entre os próprios professores que se valem da interprofissionalidade, uma vez que possuem formações diversas (enfermagem, fonoaudiologia, letras, farmácia e medicina veterinária, ciências sociais e educação), tendo como alicerce a metodologia baseada na problematização.

5. Considerações finais

O uso de tecnologias digitais, em formato síncrono e assíncrono, que nesse percurso formativo, se utiliza da diversidade das trajetórias de vida dos estudantes, ACS e ACE, permitiu a conexão entre lugares e pessoas. Por meio das narrativas dos estudantes é possível compreender seus territórios e refletir sobre suas ações, valorizando a prática profissional.

A experiência refletida neste artigo demonstra que é possível diminuir distâncias, aproximar professores formadores e estudantes de diferentes lugares do país. Ao mesmo tempo em que diferentes territorialidades foram socializadas, discutidas e trabalhadas, como se estivessem ao alcance dos olhos de todos os estudantes. O uso da tecnologia nos processos pedagógicos, mesmo aqueles concebidos para serem realizados de forma prática e presencial, permitiu o acesso ao conhecimento e ao diploma a um conjunto de estudantes que, em função dos locais onde se encontram, são em geral, privados de conquistarem seus sonhos. O empenho dos estudantes, a experiência prática da equipe formadora e a tecnologia disponível garantiram que estes 33 estudantes não fossem, talvez mais uma vez, deixados para trás.



Referências

Brasil. Ministério da Saúde. Portaria GM/MS nº 198, de 13 de fevereiro de 2004. Institui a Política Nacional de Educação Permanente em Saúde. *Diário Oficial da União* 2004; 07 dez.

Brasil. Ministério da Saúde. Portaria GM/MS nº 3.421, de 07 de dezembro de 2020. Institui o Programa Saúde com Agente, destinado à formação técnica dos Agentes Comunitários de Saúde e dos Agentes de Combate às Endemias. *Diário Oficial da União* 2020; 07 dez.

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde.

Departamento de Gestão da Educação em Saúde. Política Nacional de Educação Permanente em Saúde / Ministério da Saúde, Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde, Departamento de Gestão da Educação em Saúde. – Brasília: Ministério da Saúde, 2009.

Caderno do Preceptor. Cursos Técnico em Agente Comunitário de Saúde e Técnico em Vigilância em Saúde com Ênfase no Combate às Endemias. UFRGS - Ministério da Saúde - CONASEMS, 2022.

Fonseca, A. F.; Morosini, M. V. O caráter estratégico do Agente Comunitário de Saúde na APS integral. APS em Revista Vol. 3, n. 3, p. 210-223 | Setembro/Dezembro – 2021, DOI 10.14295/aps.v3i3.218

Gondim, G. M. de M.; Monken, M. Territorialização em saúde. Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 2009.

Haesbaert, Rogério. Lugares que fazem diferença: encontros com doreen massey. *Geographia*, v. 19, n. 40, p. 5 - 10, 5 out. 2017. 172

Haesbaert, Rogério. O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

Haesbaert, Rogério. Território Alternativos. São Paulo: Contexto, 2002.

Haesbaert, Rogério. Território e descolonialidade : sobre o giro (multi) territorial/de(s)colonial na América Latina, 1a ed. - Ciudad Autónoma de Buenos Aires : CLACSO ; Niterói : Programa de Pós-Graduação em Geografia; Universidade Federal Fluminense, 2021.

Martins, Letícia Martins de e Ribeiro, José Luis Duarte. Os fatores de engajamento do estudante na modalidade de ensino a distância *student engagement factors on distance learning*. Revista GUAL, Florianópolis, v.11, n.2, p.249-273, maio 2018. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/gual/article/view/1983-4535.2018v11n2p249/36893>



Martins, Vivian e Almeida, Joelma. Educação em tempos de pandemia no Brasil. Revista Docência e Cibercultura. Rio de Janeiro, V4.n2, maio/ago, 2020 215p. Disponível em <https://www.e-publicacoes.uerj.br/re-doc/article/view/51026/34672>

Massey, Doren. Pelo Espaço: uma nova política da espacialidade. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

Monken, M.; Barcellos, C. O. Território na Promoção e Vigilância em Saúde. In: Fonseca, A. F.; Corbo, A. D'A. O território e o processo saúde-doença. Rio de Janeiro: EPSJV/Fiocruz, 2007. p. 177-224.

OPAS/OMS. Relatório 30 anos de SUS. Que SUS para 2030? Brasília, 2018. Disponível em: <https://apsredes.org/wp-content/uploads/2018/10/Serie-30-anos-001-SINTESE.pdf>

Santos, Edméa O. Pesquisa-formação na cibercultura. 1. ed. Santo Tirso: Whitebooks, 2014. V. 1. 202p.